

The image is an abstract graphic design featuring several layers of overlapping shapes. At the top, there is a large, light-colored, semi-circular shape with a fine dotted texture, outlined in a light tan color. Below this is a solid, medium-blue semi-circle. Further down, there are several horizontal, wavy bands of a darker blue color, some with thin white outlines. The background is a light tan color with faint, stylized tree silhouettes in a darker tan color. The overall composition is layered and geometric, with a mix of solid colors and textures.

O ESTRAHO SEQUESTRO DE MIGUEL NICOLELIS

Solano Guedes de Miranda

Não sabia que no Bixiga comeria uma feijoada tão ruim. Uma coisa insossa, sem gosto, horrível. Está certo que já estava mais para noite que para tarde, talvez fosse isso. Não gosto de trabalhar de barriga vazia.

“Professor Nicolelis?”, eu disse com os olhos por sobre uma PFF2. “Boa noite, sim?”, respondeu e parou a caminhada por um momento. “O senhor poderia me dar um autógrafo?”, perguntei, puxando um bloco e uma caneta do bolso. “Autógrafo?!”, exclamou, espantado.

O Linea preto encostou ao nosso lado vagarosamente. A Paulista não chegava a estar deserta, mas estava vazia o suficiente para eu levantar a camisa e fazer com que o barbudinho notasse o prata da minha 45. reluzir. “Entra no carro”. A porta de trás se abriu, o cientista cooperou, tremendo. Algemas, capuz e um cano de pistola encostado na cabeça.

“Tá confortável, professor? Pode ficar sossegado que a placa é fria e o fumê é cem por cento. Não tem ninguém te vendo. O senhor acredita em Deus?”. Ele nada disse e continuei: “Pois pode começar a rezar...”.

Trabalho chefiando sequestros desde 1998. Saí da Civil no ano anterior, fui afastado, problemas com a Corregedoria, praxe. É parecido com o que eu fazia na polícia, a diferença é que neste negócio existem regras. No ramo, sou conhecido como Elegante, nunca estouraram um cativeiro meu, nunca fui preso, sempre preferi jogar um jogo de cartas marcadas. No Brasil, ou você paga ou você recebe o arrego, não importa o tipo de negócio. No caso desse cientista, a coisa estava, digamos, um pouco mais escancarada, o arrego já veio pago.

Consegui uma casa no Cambuci, onde funcionava uma biqueira, como dizem em São Paulo, um lugar que antes vivia cheio de cracudo, desprezado pela polícia. Não que a polícia fosse uma preocupação. Fiz uma limpeza lá para a operação acontecer. Era uma casa isolada, ao lado de vários imóveis vazios. Era um bom lugar. A entrada era pela garagem, que era fechada, portão de alumínio e coberta por uma telha de amianto. Esse era o ponto alto da gaiola: portas e janelas fechadas, da rua ninguém via nada. Fora isso, barulho de tiro no Cambuci não chama tanta atenção assim.

Paramos o carro. No banco de trás, o professor Nicolelis e eu. Um dos meus homens, o Machado, que estava no banco do carona, saiu e rapidamente abriu o portão. Entramos com o carro sem maiores alardes. Nicolelis em silêncio, um pouco ofegante, seguiu para dentro da casa algemado e ainda com o saco na cabeça. Guiei o professor segurando em seu braço e o conduzi até o quarto que o esperava. Um sofá de dois lugares, uma mesa de centro de plástico branco e uma cadeira dessas de ferro, típicas de bar. O lugar não estava lá muito limpo. Joguei o professor com uma agressividade planejada no sofá. Escutei um gemido. Mandei o Batata tirar o capuz do professor.

No quarto, estávamos eu, Batata, um ex-PM que já trabalhava comigo há mais de dez anos, e Nicolelis. Eu e Batata com as nossas armas aparentes e Nicolelis algemado com as mãos para a frente, já sem capuz. A primeira coisa que fez foi ajeitar os óculos e a máscara, e o que me chamou a atenção foi que ele ajeitou a máscara pelo elástico sem tocar na parte da frente. Nunca tinha pensado nisso. Batata não usava máscara e só trabalhava de touca ninja. Quanto a mim, me mantive de máscara mais porque aquilo tapava parte do meu rosto. Nicolelis se recostou no sofá, pôs as mãos algemadas entre as pernas, recostou a cabeça no espaldar e suspirou o que me pareceu ser alívio. “O que vocês querem de mim?”, perguntou o professor, estranhamente resignado, ainda que um pouco nervoso. “Olha, isso não faz a menor diferença pra você, acho melhor se preocupar com o que o senhor está fazendo aqui”, eu disse, sentado na cadeira de ferro, apoiando a pistola na coxa.

Batata estava na porta, que ficava em uma lateral do quarto. Nicolelis olhou em volta, fixou os olhos na janela fechada e depois voltou a me encarar. “Posso pedir uma coisa?”, “Poder, pode”, respondi. “Você pode chegar essa cadeira um pouco mais para lá e abrir a janela?”. Eu ri. “Manter o distanciamento, professor?”, “Acho importante, e abrir a janela, somos três nesse ambiente e um sem máscara, em pouco tempo as máscaras não nos protegerão da quantidade de aerossol gerada e acumulada no ar”, ele foi dizendo, e seu tom professoral conferia uma estranha calma a ele. “O senhor está com uma 45 apontada pra sua cabeça e preocupado em pegar covid-19?”, perguntei, um tanto irritado. “Não só em pegar. Eu posso transmitir, posso ser assintomático, posso ser o paciente 0 nessa sala”, continuou Nicolelis, enigmático. “Pa-

ciente O? Que porra é essa?”, falei, intrigado e, confesso, com um leve temor. “O que quero dizer é que posso estar com covid-19 e sem sintomas, basicamente. Por favor, abra a janela e se sente pelo menos a um metro e meio de distância. É melhor para todo mundo. E se possível peça para o seu amigo colocar uma máscara, pode ser por dentro da touca, o ambiente não é grande, a possibilidade de contágio é real. Por favor”. Não me movi enquanto continuava olhando para ele e o professor insistiu: “É possível?”.

A janela dava para o quintal da casa, não havia risco. Levantei-me, coloquei a pistola na cintura e abri a janela olhando para a cara do professor, enquanto eu mexia o canto dos lábios de forma desdenhosa. Ele abaixou os olhos na direção da mesa de centro.

“Ô Batata, vai buscar uma máscara, tem uma preta pendurada do lado da pia do banheiro. Vai combinar com a touca. Vai e volta. Mais alguma coisa, professor?”, falei debochadamente. “Tem álcool gel?”, ele falou sério. “Não, não tem álcool gel”. “Bom, existe uma possibilidade, menor, é verdade, do contágio por contato. O vírus pode sobreviver muitas horas numa superfície, e como você tocou em mim — não estou dizendo que vai acontecer —, você pode se contaminar eventualmente. O ideal seria higienizar as mãos e os objetos”. “Higienizar as pistolas?”, “Sim”. “Quando o Batata voltar a gente vê essa situação do álcool gel. Professor, você tem ideia do porquê de o senhor estar dando esse passeio?”, “Olha, posso ser sincero?”, “Seja”, concedi. “Eu sabia que estava correndo risco, sabia que algo poderia me acontecer, mas não sei o que vocês querem de mim”. Nicolelis ganhou certa calma depois que abri a janela e afastei a cadeira. “O senhor pode voltar para casa são e salvo hoje ainda, sem gastar um centavo. Só precisa cooperar”, tentei animá-lo. “E o que seria cooperar?”. Ajeitei a minha

máscara pelo elástico, tentando repetir o movimento do professor, que percebeu a ironia e fez um movimento de rosto. “Professor, eu vou ser direto pra gente ganhar tempo. Eu tô com uma equipe de gravação pronta pra vir pra cá com tudo que é equipamento, cenário, figurino, enfim, a porra toda. O senhor quer cooperar? Cooperar seria gravar um vídeo. Só isso. O senhor grava um vídeo e eu te libero”. “Peraí. Um vídeo?”, ele estranhou. “É só gravar esse vídeo e o senhor volta pra casa ainda hoje. Um vídeo como o senhor está acostumado a fazer, só que diferente. Coisa simples”. “Como assim?”. Respirei fundo e expliquei: “Professor, é um vídeo para dar uma acalmada no pessoal, você vai falar que também não é assim, que essa pandemia não é isso tudo, que o senhor andou muito nervoso, que se enganou... pegou o espírito da coisa?”. Um tanto nervoso, ele começou a dizer que não, que não poderia gravar o vídeo que eu estava pedindo, que isso era negacionismo. “Professor, fala português claro comigo, se continuar com essa história de paciente 0, negacionismo, vai complicar a coisa entre nós”, fui me irritando, e ele continuava, “Ne-ga-ci-o-nis-mo, é a negação da ciência, da realidade, eu não posso fazer isso. É divulgação negacionista, é *fake news*, não posso gravar esse vídeo do jeito que você está me pedindo!”. Respirei fundo e falei, alto: “Tá bom, professor, e eu também não posso matar ninguém, é assassinato”.

Pela primeira vez, Nicolelis arregalou os olhos. E se encostou no sofá com o corpo nitidamente mais rígido. Estava nervoso, mas as mãos algemadas não tremiam. Manteve-se em silêncio enquanto me fitava por trás das lentes dos óculos que agora se embaçavam. Inclinei-me na cadeira de ferro, o silêncio seguiu. “Ô Batata, sai e fala pro Machado comprar álcool gel”. Batata olhou

por dentro da touca ninja um tanto surpreso. “Do grande ou do pequeno, patrão?”.

Virei-me novamente para o professor ainda calado e, olhando para ele, comecei a polir minha 45 usando um guardanapo velho que estava em cima da mesa de centro. Enquanto polia a arma prateada de empunhadura preta, comecei a cantarolar: “Ô Maura/Vem matar minha saudade/Não tenho felicidade/Desde o dia em que me abandonou ...” Fiz uma pausa e resolvi consultá-lo: “É Maura ou Laura? Gosta de Luiz Melodia, professor? Acho que é LAURA, né?”, ao que ele respondeu gritando: “Você não toca na minha mulher!”. Pela primeira vez naquela noite eu vi o professor Nicolelis se descontrolar. Soltei um riso de desprezo e deixei a pistola equilibrada em cima da coxa. “Bem que me disseram que o senhor era um cara inteligente. Escuta, ninguém vai tocar na sua mulher, é só você fazer o que está sendo pedido. Se continuar de palavra difícil e sem cooperar, você vai levar uma bala na cabeça e eu vou te esquecer aqui nesse muquifo. Na verdade, a coisa é bem simples”. Levantei-me, contornei a mesa de centro, encostei o cano da pistola na testa do cientista e continuei o movimento. “Deu pra entender... Miguelzinho?”. Então me assustei novamente com sua reação, tudo nele parecia despropositado: “Se afasta! Eu preciso tossir!”, e se engasga. Afastei-me com rapidez e fiquei em pé ao lado da cadeira. Ele tossiu. Batata abriu a porta. “Machado foi comprar o alquingel, patrão”. Voltei-me novamente para o professor: “E aí, professor, posso chamar a equipe?”.

Por cima da máscara, Nicolelis olhou fixamente para a minha cara. Nada disse. Abaixou a cabeça e mirou a mesa de centro. “Em primeiro lugar, você precisa me garantir que nada vai acontecer nem a Laura, nem à minha família”, ele iniciou. “É só cooperar, pro-

fessor”. Nicolelis parou por um instante. Olhou para mim e assim se manteve, sem desviar o olhar. “Em segundo lugar, já que vou fazer um vídeo desdizendo o que eu disse até aqui, já que estou sendo obrigado a mentir, acho justo que você seja obrigado a ouvir a verdade antes. É isso, essas são minhas condições”. “Como assim ouvir a verdade?”, perguntei, realmente sem entender o que aquele cientista, um tanto maluco agora, estava propondo. “Ouvir a verdade. Antes de você chamar a sua equipe, você me dá cinco minutos para eu te explicar o que está de fato acontecendo no Brasil e no mundo, coisa que o seu chefe não te contou. Ou é isso ou você me mata e está tudo resolvido, mas aí não tem vídeo. E outra coisa, eu posso muito bem gravar esse vídeo agora com vocês e depois procurar a imprensa e desmentir”.

Eu realmente não entendi o que o professor queria com aquilo, certamente ele queria chegar em algum lugar, me disseram que o cara era um gênio. Ainda que desconfiado, pensei bem e percebi que a operação não corria um risco real. Só um atraso de cinco minutos, dez, no máximo. Ele estava calmo, seja dita a verdade, e mais, ousaria dizer que o professor parecia estar estranhamente seguro para quem estava diante de uma pistola, sendo ameaçado de morte. Sequestro tem dessas coisas. Bom, essa gente não acredita em Deus, talvez não tivesse medo da morte, vai entender. Demorei-me alguns minutos em silêncio olhando para aquela barba saltada para fora da máscara, cocei a cabeça e finalmente disse a ele: “Tudo bem. Você precisa de cinco minutos?”, “Talvez um pouquinho mais”, ele sustentou. “Não vai acontecer nada a Laura, ela está em casa, vou te dar esses cinco minutos pra você falar o que você quer falar, e aí, depois, eu vou chamar a equipe e você vai gravar A PORRA DESSE VÍDEO! Tá entendido? Se procurar a imprensa e desmentir, se fizer isso, morre você, morre a Laura,

morrem seus filhos! Entendido?”. O professor confirmou e, quando me afastei, Nicolelis pareceu se ajeitar na poltrona e anunciou: “Batata, vai ter palestra”. “Não é bem uma palestra”, “Começa a falar aí, vai”. “Esse vídeo que você está me pedindo pra gravar é uma coisa muito...muito perigosa”, “Professor, isso faz parte da explicação?!”. “Vou começar, então. Veja, o que eu queria dizer é que nós estamos numa pandemia. O vírus surgiu na China, mas a doença não é chinesa, achar isso é xenofobia”. “Xenofobia o quê? Não entendi”, interrompi. “Preconceito. Veja você: da China, a patologia veio para o Brasil, afetando todos os continentes, todos os países. Sobre a covid-19 ser uma pandemia, isso foi uma declaração da OMS, não sou eu que estou dizendo. E sabe qual é o grande problema? É que conhecemos pouquíssimo a respeito do novo vírus, mas sabemos o que ele tem feito, conhecemos cada vez mais seu poder letal, está me acompanhando?” Fiz que sim com a cabeça. “E você?”, ele perguntou, voltando-se ao Batata. “Tô ligado”. Nicolelis prosseguiu: “Já sabemos que a velocidade de transmissão do vírus é muito maior do que a de outros vírus que já conhecíamos, e por isso a insistência na máscara, além do que, não existe esse tal ‘tratamento precoce’, Cloroquina, Ivermectina, esses são remédios para outras doenças, não para esta. Pois bem. Achávamos que se tratava de uma doença respiratória. Como a pneumonia, sabe a pneumonia? Então. Agora vemos que ela é uma doença sistêmica. E antes que você me pergunte, te explico que doença sistêmica nada mais é do que uma doença que afeta diversas partes do corpo e que pode gerar sequelas variadas”. Nicolelis fez uma pausa e acenei com a cabeça, sinalizando para que continuasse. Apesar de não entender todas as palavras, estava entendendo o sentido da coisa. Ele recomeçou a palestra: “Pessoas afetadas por covid-19 têm problemas renais, por exemplo. Outras têm problemas cardíacos”.

cos. Há manifestações da doença ligadas à trombose. Há sintomas de gripe e há de perda de olfato e de paladar. Algumas pessoas ficam sem olfato, não sentem o cheiro de absolutamente nada e depois voltam ao normal. Mas, há pessoas que até hoje não se recuperaram. De qualquer modo, quase quatrocentas mil pessoas já morreram no Brasil. Tudo isso devido à pandemia. E se as coisas continuarem como estão teremos não só um colapso hospitalar como um colapso funerário, pessoas serão enterradas em valas comuns, vai faltar caixão para enterros dignos”. Ouvir aquela parte dos caixões me deixou assustado. “Isso tudo poderia ser evitado se as medidas restritivas fossem levadas a sério”. O professor parou de falar subitamente e perguntou, alternando seu olhar entre o Batata e eu. “Vocês estão entendendo a gravidade da coisa?”. De repente, Nicolelis se interrompeu estranhamente desconcentrado. “PUTZ! QUE CHEIRO É ESSE? CARALHO, COISA HORRÍVEL”, gritou o Batata de repente. Devo confessar que eu havia peidado um peido quente há alguns instantes, mas como não me incomodou, continuei ouvindo a explicação do professor, e até estava achando interessante. Aquele parecia um peido ninja, silencioso, mas mortal, e, ao que tudo indicava, não tinha fedido do jeito que eu imaginava. Para minha surpresa, o vento de cemitério foi bater lá no Batata. “Pelo amor de Deus! Foi o senhor, professor? Deita que tá pra morrer...Nossa Senhora...Tá nervoso?”, Batata continuava a reclamar. “Não, não fui eu, não”. disse Nicolelis, com dignidade e já tampando o nariz por dentro da máscara. “Tá fedendo aí, professor?”, perguntei, e ele fez que sim. “Porra! Todo mundo sente o cheiro do meu peido menos eu?”, “Você não está sentindo esse cheiro?”, o professor me perguntou, e eu repeti que nada sentia, quando então ele olhou por dentro da touca ninja do Batata e depois para mim. “Algumas pessoas ficam sem olfato, não sentem o

cheiro de absolutamente nada”, lembrei como um flashback. “Isso pode ser covid-19, professor?”, “Pode”, respondeu. “Caralho... CARALHO!”, gritei, e Nicolelis pediu para que eu me acalmasse. “Mas essa porra matou o meu pai!”, acabei falando. “Olha, você precisa me ouvir, eu sou médico e tenho estudado a fundo a doença. O problema desse sintoma que você está tendo é o que chamamos em medicina vulgarmente de ‘manta negra’, que é quando o paciente perde olfato e paladar e só se dá conta que está com covid-19 quando perde a capacidade pulmonar subitamente, por isso esse estado é dos mais preocupantes. O termo ‘manta negra’ se deve ao fato de o pulmão ser tomado silenciosamente por uma quantidade importante de lesões que são descobertas todas de uma só vez e o que acaba acontecendo é que a pessoa precisa ser intubada com urgência, porque ocorre a chamada asfixia súbita, também conhecida como ‘apneia de Morgan’, que é quase sempre fatal. Você precisa ir para um hospital. Agora”, sentenciou Nicolelis, “Agora?!”, respondi, sem acreditar naquilo. “Sim, agora, você está correndo risco de morte, é sério”. “Mas os hospitais não estão lotados?! O senhor não falou em colapso?”. Nicolelis parecia preocupado, mas, como sempre, controlado, e foi dizendo: “Olha, vamos ter um pouco de calma, conheço um pessoal na Secretaria de Saúde e posso pedir para te encaixarem, a gente tem como resolver isso”. “O senhor faria isso?”. Um momento de silêncio se fez novamente no quarto, Batata olhou para Nicolelis, que se virou novamente para mim. “Faria. Sem algemas, faria”.

Um jogador sabe reconhecer um xeque-mate, e eu era um bom jogador. A operação caía por terra ali. O peido, embora seja um crime impossível de ser provado, pode trazer consequências desastrosas a quem o comete. Se eu estava para ser intubado e não sabia, podia morrer, então não fazia sentido nenhum matar

alguém que poderia salvar a minha vida. Nicolelis se levantou e voltou a me olhar, eu estava desconcertado. Batata permanecia mudo, alternando o olhar entre mim e o professor, que estendeu os pulsos algemados.

“Batata, pega as chaves e solta esse cara!”. ordenei sem pestanejar. “Mas patrão!?”, “Não tem mais nem meio mais, eu não vou morrer afogado no seco defendendo esses filhos da puta. Estamos em uma pandemia!”, aderi. Batata pegou as chaves com Machado e eu mesmo tirei as algemas do professor, que tocou os pulsos alternando as mãos. “Me dê um telefone”, pediu. Tirei do bolso o meu próprio celular e estendi na sua direção. “Álcool gel”, ele disse, técnico. Com frasco de álcool gel na mão, Nicolelis higienizou o telefone e discou. Um instante infinito se deu.

* * *

Sobrevivi à covid-19 e descobri que a tal “manta negra” não existe. Na verdade, eu era um caso brando. Se sobrevivesse, seria preso, sabia disso, e de fato fui. Para mim, o pior mesmo foi ter sido internado antes no hospício da Água Funda por ter tentado convencer os médicos da emergência do Vila Penteadado que eu havia sequestrado o Miguel Nicolelis e ele tinha me dito que eu poderia morrer de “apneia de Morgan”. Ser preso, no meu ramo, é uma coisa que pode acontecer, mas dormir amarrado com cordas de quimono gritando “CARECA MENTIROSO!”, cheio de Haldol injetável na cabeça, essa parte eu cancelaria. O caso ficou famoso e tive que me afastar do mercado. Fiz um acordo com o Flávio e quando sair vou me mudar para Glicério, ninguém sabe quem é Miguel Nicolelis por aquelas bandas.